

<http://colunas.globoamazonia.com/philipfearnside/>

<http://colunas.globoamazonia.com/philipfearnside/>



Belo Monte: Resposta a Rogério Cezar de Cerqueira Leite

seg, 07/06/10

por Globo Amazônia /

categoria [Uncategorized](#)

O físico Rogério Cezar de Cerqueira Leite recentemente taxou os críticos da hidrelétrica de Belo Monte como “ecopalermas”, “ignocentes”, “verdolengos”, “malabaristas”, “fanfarrões”, “pseudointelectuais” e um “exército extemporâneo de Brancaleone”.(1) Ele repete os argumentos dos proponentes, já repetidamente refutados, e até acrescenta algumas pérolas próprias, tais como a noção de que os índios não vão nem se importar, pois são “seminômades” e, portanto, não devem ter nenhum problema em andar até novos locais.

Parece que o Dr. Leite não sabe que a pesca é o sustento principal destes grupos, e que os peixes essencialmente sumirão de um trecho de 100 km abaixo da barragem principal, inclusive em duas áreas indígenas. O Dr. Leite ridiculariza os “500 km²” do lago de Belo Monte como insignificante na escala amazônica. Evidentemente, o Dr. Leite engoliu as afirmações dos proponentes de que haverá apenas uma barragem no rio Xingu, sendo esta Belo Monte. Este cenário oficial, necessário para obter a aprovação ambiental da primeira barragem (Belo Monte), é considerado como uma mera ficção por muitos que estudam essa hidrelétrica, inclusive este autor.

Sugiro a leitura de alguns dos trabalhos disponíveis em <http://philip.inpa.gov.br>. A inviabilidade financeira na hipótese de ter apenas uma barragem tem sido demonstrada em uma análise econômica detalhada publicada pelo Fundo de Estratégia de Conservação, de Minas Gerais.(2) O fato de algumas empresas ainda estarem dispostas a investir seu dinheiro na obra nessas circunstâncias é uma forte indicação de que essas empresas estão contando com um cenário diferente daquele oficialmente divulgado de uma só barragem. As demais barragens seriam catastróficas. Originalmente foram planejadas cinco barragens a montante de Belo Monte, o que foi reduzido para três no último plano, que valeu até 2008. A primeira seria a barragem de Babaquara, renomeada “Altamira”, que, pelo plano original, inundaria sozinha 6.140 km². Isto é o dobro da área da notória hidrelétrica de Balbina, e quase toda a inundação seria de floresta tropical em área indígena. O anúncio em 2008 pelo Conselho Nacional de Política Energética (CNPE) de que teria apenas uma barragem no Xingu oferece apenas uma proteção ilusória, pois qualquer governo futuro (que indica os Ministros membros do CNPE) pode revogar essa decisão na hora que quiser.

O Dr. Leite também parece ter perdido as discussões sobre as emissões de gases de efeito estufa de hidrelétricas, especialmente dessas hidrelétricas em particular. O “Complexo Altamira” (Belo Monte + Babaquara/Altamira) emitiria tanto metano que levaria 41 anos para ser compensado pelo combustível fóssil evitado, e seria mais demorado ainda se não fosse calculado sob a hipótese do tempo ter valor zero.(3) Considerando as ameaças climáticas na Amazônia, o tempo tem valor mesmo quando se fala do efeito estufa nessa região. Entre as afirmações mal-informadas do Dr. Leite é a de que a construção de Belo Monte significa que “20 milhões de brasileiros poderão ter luz em suas casas”. Infelizmente, grande parte da energia seria exportada para outros países na forma de alumínio e outros produtos eletro-intensivos que criam pouquíssimo emprego no Brasil por Megawatt de eletricidade consumido. A energia que sobraria para uso doméstico não chegaria aos 20 milhões de brasileiros mencionados, pois eletrificação rural nessa escala não faz parte do projeto. Informações sobre os muitos impactos sociais e ambientais do projeto são apresentados no relatório do Painel de Especialistas sobre Belo Monte, grupo ao qual eu tenho o orgulho de pertencer.(4)

(1) Leite, R.C.C. 2010. Belo Monte, a floresta e a árvore. *Folha de São Paulo* 19 de maio de 2010, p. A-3.

(2) de Sousa Júnior, W.C., J. Reid & N.C.S. Leitão. 2006. *Custos e Benefícios do Complexo Hidrelétrico Belo Monte: Uma Abordagem Econômico-Ambiental*. Conservation Strategy Fund (CSF), Lagoa Santa, Minas Gerais. 90 p. (disponível em:

http://conservation-strategy.org/sites/default/files/field-file/4_Belo_Monte_Dam_Report_mar2006.pdf).

(3) ver <http://colunas.globoamazonia.com/philipfearnside/>

(4) Santos, S.M.S.B. & F. del Moral Hernandez (eds.). 2009. *Painel de Especialistas: Análise Crítica do Estudo de Impacto Ambiental do Aproveitamento Hidrelétrico de Belo Monte*. Painel de Especialistas sobre a Hidrelétrica de Belo Monte, Belém, Pará. 230 p. (Disponível em: [http://www.internationalrivers.org/files/Belo%20Monte%20pareceres%20IBAMA_online%20\(3\).pdf](http://www.internationalrivers.org/files/Belo%20Monte%20pareceres%20IBAMA_online%20(3).pdf)).